

**LANÇANDO O ALUNO PARA A VIDA: A CONTRIBUIÇÃO DO  
EXISTENCIALISMO DE SARTRE NA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA DO  
NOVO ENSINO MÉDIO**

*PUTTING STUDENTS INTO LIFE: THE CONTRIBUTION OF SARTRE'S  
EXISTENTIALISM IN THE SUBJECT LIFE PROJECT IN THE NEW HIGH SCHOOL*

Klébio José Feitosa Coelho<sup>1</sup>

**RESUMO:** A filosofia como disciplina nas escolas, pode contribuir de forma contundente aos anseios que o Novo Ensino Médio vem exigindo. Ao longo de toda a reflexão sobre a necessidade de tê-la em sala de aula, da necessidade ou não de fazer parte da grade curricular, novas disciplinas foram criadas ao longo dessa nova formulação de carga horária, fazendo repensar novamente o papel da filosofia em sala de aula. Entre essas novas disciplinas, temos *O Projeto de Vida*, disciplina que se tornou obrigatória em todas as escolas secundaristas do Brasil. A abordagem dessa disciplina é a formação do jovem em seu projeto pessoal. Nessa nova perspectiva de ensino, o aluno é protagonista da sua vida pessoal, sendo capaz de criar sua própria trilha, de fazer suas próprias escolhas. Nesse sentido, entendemos que os autores existencialistas serão fundamentais para uma melhor compreensão do sentido de projetar-se e de autoconstrução. O filósofo francês Jean-Paul Sartre e sua abordagem existencialista, mais especificamente em sua obra *O existencialismo é um humanismo*, se destaca nessa questão. O existencialismo pode levar o jovem a reflexões que possam assegurá-lo melhor na compreensão das suas possíveis escolhas e, sendo essas, grandes responsáveis por toda caminhada humana, até porque nelas o homem reflete quem ele é. Refletir sobre o papel do existencialismo de Sartre na perspectiva humanista é a grande problemática desse estudo. Estudo que envolve a descoberta do ser que existe e que é projetado a um fim.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Existencialismo. Ensino Médio. Projeto de Vida. Educação.

**ABSTRACT:** Philosophy, as a discipline in schools, can make a strong contribution to the aspirations that the New High School has been demanding. Throughout the reflection on the need to have it in the classroom, the need or not to be part of the curriculum, new disciplines were created along this new workload formulation, making us rethink the role of philosophy in classroom. Among these new subjects, we have The Life Project, a subject that has become mandatory in all secondary schools in Brazil. The approach of this discipline is the training of young people in their personal project. In this new teaching perspective, the student is the protagonist of his personal life, being able to create his own path, to make his own choices. In this

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pelo ISES (Instituto Superior de Educação de Salgueiro). Mestrando do mestrado profissional – IFsertãoPE. E-mail: [kjcoelho@hotmail.com](mailto:kjcoelho@hotmail.com)



sense, we understand that existentialist authors will be fundamental for a better understanding of the meaning of projecting oneself and self-construction. The French philosopher Jean-Paul Sartre and his existentialist approach, more specifically in his work *Existentialism is a humanism*, stands out in this matter. Existentialism can lead young people to reflections that can better ensure their understanding of their possible choices and, being these, largely responsible for every human journey, because in them man reflects who he is. Reflecting on the role of Sartre's existentialism in the humanist perspective is the great problem of this study. Study that involves the discovery of the being that exists and that is designed for an end.

**KEYWORDS:** Philosophy. Existentialism. High school. Life Project. Education

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O pensamento pós-moderno com seu intuito de mostrar que o homem não possui um arquétipo, que não nasceu com uma natureza própria e específica, vai se corroborar com a filosofia de Jean-Paul Sartre e será uma característica marcante do século XX.

Sartre pode ser considerado o filósofo existencialista que mais se desdobrou para teorizar essa corrente de pensamento. Seu existencialismo tem contribuído bastante na abordagem humanística, pois, de modo geral, tem como principal objetivo fazer com que o homem se perceba no mundo, se coloque no mundo como um ser lançado, e que precisa projetar-se, fazendo escolhas para que entenda o peso da responsabilidade e as consequências destas escolhas. Não é por acaso que ficou conhecido como o “Papa’ do existencialismo” (HUISMAN, 2001, p. 123).

Esse lançar-se, coloca o jovem diante de um futuro incerto, Sartre nos alerta sobre isso: “Vejo o futuro. Está ali, pousado na rua, mais próximo um tudo nada que o presente. Que necessidade tem de realizar? Que vantagem é que isso lhe dará?” (SARTRE, 2016, p. 49).

Antes mesmo de *O Existencialismo é um Humanismo*, obra que trataremos nesse estudo, Sartre já demonstrava sua inquietação com a problemática da existência na obra *A Náusea*. Nas suas palavras, “A Náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem dum acesso passageiro: a Náusea sou eu” (SARTRE, 2016, p.170).

O indivíduo nauseado está sempre inquieto. Existe sempre um sentimento de incompletude diante da vida e isso perpassará toda sua existência individual. Na perspectiva de Souza (2009), a importância dessa obra se dá justamente pelo fato, de mostrar a história mais cotidiana do homem. Uma história que deve aceitar a contingência no lugar da necessidade, a dúvida no lugar da certeza.

Se o futuro é uma incógnita, se a vida é um projeto e não algo predeterminado, vale sempre lembrar que todas escolhas precisam ser bem pensadas, pois para cada ação existe sua reação. Refletindo sobre isso, dizia Sartre:

Se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência (SARTRE 1984, p. 6).

Não é dessa forma que a BNCC vê a jornada formativa para os jovens, colocando-os como protagonistas desse processo? O que o existencialismo irá mostrar é que, cada escolha feita nesse processo, terá um peso. O peso da responsabilidade. Com isso, tenta-se mostrar que é possível pensar um projeto de vida para os jovens, tendo como suporte, como base, a filosofia. Até porque nos manuais atuais da disciplina projeto de vida encontra-se a seguinte ideia:

Você já sabe que o projeto de vida não é só uma coisa para pensar no futuro, mas tem a ver com o sentido que você dá para sua vida, a partir da sua história, do seu jeito de ser, de estar no mundo, de interagir com o outro e das escolhas que você faz para atingir suas metas - hoje e no futuro. E para isso, o autoconhecimento é fundamental! (PÁTARO, 2020, p.1)

Para aproximar Projeto de vida e Existencialismo, é preciso filosofar. Uma das questões fundamentais segundo Reale (2003) é entender de que modo se qualifica o conceito de existência no interior do existencialismo? O mais necessário aqui é que se deve destacar que a existência é constitutiva do sujeito que filosofa e a especificidade da filosofia é reservada ao homem.

Desde que a filosofia tornou-se obrigatória a partir dos anos 2008<sup>2</sup> no Ensino Médio, ela vem sofrendo grandes alterações no que se refere à sua metodologia ou à sua aplicação em sala de

---

<sup>2</sup> Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Elas haviam sido banidas do currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 12/09/2022.

aula. A princípio a filosofia, unida a sociologia, deveria aprofundar e ampliar os conceitos dos jovens, fazendo com que eles fossem estimulados pela leitura e aumentassem seus níveis de compreensão por perceber o que estaria por trás de cada contexto:

No Ensino Médio, com a incorporação da Filosofia e da Sociologia, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos. Nessa etapa, como os estudantes e suas experiências como jovens cidadãos representam o foco do aprendizado, deve-se estimular uma leitura de mundo sustentada em uma visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana (BRASIL, 2017, p. 472).

No entanto, diante de toda essa problemática, que envolve a desvalorização filosófica, cabe refletir qual seria a utilidade da filosofia diante de todas as alterações que ela vem sofrendo, inclusive no momento atual, o qual vemos insistentemente as políticas públicas sendo feitas com desejo de derrubar as áreas humanas.

Parece necessário perguntar se há necessidade ou não da filosofia? Qual a sua importância para a vida humana e se ainda precisa dessa disciplina como "obrigatória" na grade curricular do Novo Ensino Médio? Para essas e tantas outras questões levantadas, vale observar a seguinte reflexão feita por Braga, quando diz que, em um mundo marcado pelo cientificismo, precisa-se da filosofia:

Bertrand Russell, eminente filósofo britânico, quando perguntado se a ciência era suficiente para a conclusão de uma boa vida, respondeu de forma afirmativa. Curiosa situação em que um filósofo advoga sobre a não necessidade da filosofia. Isso, em parte, reflete o contexto da época, quando algumas correntes de pensamento argumentavam que a filosofia havia sido superada diante dos avanços da metodologia e dos produtos científicos (2020, p. 133).

Dessa forma, a filosofia se distancia da concepção científica que por sua natureza é mais experimental. A atitude filosófica, então, vai se afastar da concepção de que ela tenha que ser algo útil, prático, complicado ou de especialistas. Essa atitude de filosofar é tão importante ser ressaltada que, mesmo em meio a desvalorização da filosofia - e também de todas as áreas humanas - surge a disciplina *Projeto de Vida* que vem com uma proposta de resgatar no ser humano as reflexões essenciais para o seu dinamismo existencial.

O projeto de vida na BNCC, o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para a construção e

viabilização do projeto de vida dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas. Ao se orientar para a construção do projeto de vida, a escola que acolhe as juventudes assume o compromisso com a formação integral dos estudantes, uma vez que promove seu desenvolvimento pessoal e social, por meio da consolidação e construção de conhecimentos, representações e valores que incidirão sobre seus processos de tomada de decisão ao longo da vida. Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha-o (BRASIL, 2017, p. 472).

Esse desenvolvimento pessoal e integral citado acima é justamente a parte essencial desse estudo. O jovem, entendido como protagonista, como sujeito ativo, precisa de um embasamento filosófico. Não é fácil se entender como sujeito ativo de suas escolhas, e ainda mais, como responsável dessas mesmas escolhas. Cada escolha terá sempre um peso. Corroborando essa ideia, Huisman vai dizer:

Compreendeu-se que, para Sartre, A existência é escolha, como o homem é transcendência, ou a realidade humana eternamente em projeto. Nós não podemos procurar justificações para nos sentirmos “determinados”. Somos Inteiramente responsáveis por nossos atos e nossa liberdade nos obriga a prestar contas (HUISMAN 2001, p. 133).

Essa liberdade nos impõe uma certa autenticidade. Ela nos coloca diante de nossas escolhas. Sempre revisando dentro de cada um esse ideal de sujeito. Nesse sentido podemos entender que:

Para além da contribuição de Sartre para a compreensão do sujeito, sua abordagem é consonante com seu caráter de intelectual engajado, possibilitando a transformação de contextos sociais por compreender o sujeito não apenas de forma singular, mas como parte de uma coletividade que o transforma e é transformada por ele (JUNIOR; ARDANS-BONIFACIN0; ROSO, 2016, p. 120).

Desse modo, vemos que é importante entender as características pessoais de cada sujeito, e a importância do seu projeto pessoal como sujeito que age. Mas por outro lado, é fundamental que essa compreensão de si, sirva como base para sua convivência social. A própria BNCC nos dizia isso quando falava sobre a desenvolvimento pessoal e social. O sujeito com um entendimento de si, deve colocar isso a serviço de si mesmo, mas sobre tudo, a serviço da sociedade, a serviço dos outros.

## ORIGENS E FUNDAMENTOS DO EXISTENCIALISMO

Desde que o homem é inserido no contexto da Polis, e ele toma consciência dessa inserção, as questões existenciais lhes serão muito caras. Quando pensamos no termo existencialismo, vem

logo em mente grandes pensadores e suas obras. Recordamos as contribuições de Kierkegaard – este autor é tido como o idealizador do termo -, de Husserl, Nietzsche, Karl Jaspers, Heidegger, Gabriel Marcel, Sartre, entre outros. Este último é quem vai instituir o existencialismo como corrente de pensamento. Esta instituição se dará por conta de uma conferência feita por ele em que foi cunhada a célebre expressão: “*O existencialismo é um humanismo*”.

Quando lemos esses autores, vemos o ideal existencialista muito bem elaborado, mesmo que não usando a expressão existencialismo, como fará alguns autores. Mas é importante lembrar que desde antiguidade clássica, o homem da polis, aqui retomo o argumento anterior, teve essa preocupação com a questão da existência. É sempre repetido o corolário usado por Sócrates, e que se encontrava no pórtico do templo de Apolo, “conhece-te a ti mesmo”. É notório que se trata de uma expressão existencialista. Sobre isso nos diz Melani:

Ao compreender que a consciência da própria ignorância é o primeiro passo para o conhecimento, Sócrates convida seus interlocutores a olhar para si mesmos, tomando conhecimento não como algo absoluto e acabado, que se adquire de uma vez, mas como um processo de *autoconhecimento* (MELANI, 2013, p. 37).

A partir disso, nos vem o seguinte pensamento, o homem consciente de sua racionalidade, está sempre pensando em sua existência? Quando pensamos nos autores citados e o porquê de uma reflexão sobre a existência, nos vem logo em mente o contexto em que foi criada grande partes das ideias existencialistas. Muitos desses autores estavam vivenciando uma Europa totalmente dilacerada por duas guerras:

Assim, se consideramos o tempo de seu nascimento e de seu crescimento, é fácil perceber que o existencialismo expressa e leva à conscientização a situação histórica de uma Europa dilacerada física e moralmente por duas guerras, de uma humanidade europeia que, entre as duas guerras, experimentam e em muitas de suas populações a perda da liberdade (REALI; ANTISERI, 2003, p. 593).

As referidas questões, nos remetem à ideia de que o homem é um ser finito, que está no mundo e é continuamente dilacerado por situações problemáticas. E é precisamente pelo homem, o homem com toda sua problemática, que o existencialismo se interessará. Mas o existencialismo “não é uma doutrina, um sistema, um corpo de teses muito claras todas bem etiquetadas” (HUISMAN, 2001, p. 09). Ele é mais uma atitude filosófica adotada por certos pensadores num momento histórico particular, que visavam a realidade concreta mais do que uma verdade teórica.

Esse momento histórico particular é justamente esse período das duas guerras, mencionados anteriormente. A ideia de um “homem” dilacerado será trabalhado frequentemente pelos pensadores existencialistas. Mas como foi dito nos parágrafos anteriores, esses pensadores não estão interessados em formular uma doutrina filosófica, mas em perceber o homem e sua existência, e as mazelas desse homem lançado no mundo. “Minha filosofia é uma filosofia da existência: o existencialismo, não sei o que é” (RUSS J., 1994 apud HUISMAN, 2001, p. 07). Mesmo Martin Heidegger que é considerado o principal expoente da filosofia da existência, não cunhava a si mesmo uma “doutrina” existencialista. Para Reale (2001), o homem em Heidegger, é o ente que se propõe a pergunta sobre o sentido do ser. Esse ente, que nós mesmos já somos sempre e que tem, entre as outras possibilidades de ser, a de buscar. Essa ideia de buscar, se perceberá em todos os existencialistas. Serão expressões corriqueiras nas filosofias da existência. Nos faz lembrar o pensador argelino Albert Camus, na sua obra *O estrangeiro*, que retrata um homem angustiado diante das incertezas de uma vida sem sentido e estrangeiro em sua própria existência.

Mas como deve ser entendido o conceito de existência entre os existencialistas? Vejamos o texto a seguir:

A existência, precisamente, não é essência, coisa dada por natureza, realidade predeterminada e não modificável. As coisas e os animais são que são e permanecem o que são. Mas o homem será o que ele decidiu ser. O seu modo de ser, a existência, é um poder-ser e, portanto, é "incerteza, problematidade, risco, decisão, impulso adiante" (REALE; ANTISERI 2003, p. 594).

Num primeiro momento, diríamos que o ser humano não é propriamente uma criatura, se não é exemplar de nenhuma classe, se não segue qualquer projeto que lhe seja anterior, em suma, se sua existência precede sua essência, então é preciso admitir que o ser humano não está ligado a nenhum destino em particular. Em *O existencialismo é um humanismo* podemos encontrar essa discursão: “O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz” (SARTRE, 1996, p. 19).

Desse modo, o ser humano é o único que pode moldar seu próprio destino. Sua liberdade lhe vem necessariamente, uma vez que é obrigado a escolher o que vai ser, justamente por não haver projeto prévio que diga o que fazer.

## O EXISTENCIALISMO DE JEAN-PAUL SARTRE E SEUS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS.

Quando Sartre chegou em Nova York, viu-se rodeado de jornalistas que lhe perguntaram com paixão: “Então? Explique-se em três palavras! O que é exatamente o existencialismo?” E Sartre teria respondido não sem humor: “É o meio de assegurar minha existência!” (HUISMAN, 2001, p. 07).

No Sartre dictionary (dicionário de Sartre), assim define o termo existencialista:

Aquele que se relaciona com o movimento conhecido como existencialismo. Alguém, Sartre por exemplo, cuja obra ideias contribuíram para o existencialismo. Todo aquele que concorda de maneira ampla com as teorias e a visão do existencialismo ou que procura viver de acordo com seus princípios (COX, 2009, p. 13).

Vendo dessa forma, faz muito sentido a resposta de Sartre dada aos jornalistas. Antes de ser uma doutrina, o existencialismo é acima de tudo uma maneira prática de se encarar o mundo. De vê-lo de uma maneira totalmente diferente. Tanto é verdade, que Sartre pensava assim, ele não gostava da expressão o “papa do existencialismo”. A contragosto, ele não se via como líder dessa nova religião. Mas é fato, ele viveu metade de sua vida sob as luzes da extrema notoriedade. E que foi constantemente sujeito a injúrias. Nos lembra a seguinte situação István Meszáros, em outubro de 1960, uma manifestação de veteranos de guerra nos campos Elísios marcha sob a palavra de ordem: “fuzilem Sartre” (MESZÁROS, 1991, p. 10).

Qual a causa de tanta admiração e ao mesmo tempo, tanta rejeição? Sartre é um filho de seu tempo. E que tempo era esse? Tempo de guerra e de pós-guerra. Ele chegou a afirmar que:

Éramos um monte de existências enfadadas, embaraçadas de nós mesmos, sem a menor razão para estarmos aí, nem uns nem outros; cada existente, confuso, inquieto, sentia-se demais em relação os outros. (...) e eu fraco, enlanguescido, obscuro, digerindo, movendo mornos pensamentos (SARTRE apud CONSTANÇA; MARLY, 2008, p. 10)

A citação acima, mostra o ambiente e o que ele faz com o pensador. Com Sartre não é diferente. Ele absorveu a realidade à qual estava inserido e a colocou em suas reflexões. Ele pontuava: “A palavra absurdidade nasce agora sob minha pena. (...) e sem nada formular claramente, compreendi que havia encontrado a chave da existência, a chave das minhas náuseas, de minha própria vida” (SARTRE apud CONSTANÇA; MARLY, 2008, p. 10-11).

Mesmo concordando que a realidade do pós-guerra pesa sobre as costas do pensador, há de se concordar que Sartre sempre foi um sujeito inquieto com sua própria existência. Ou, com a existência de modo geral. No documentário “Sartre por ele mesmo”, gravado nos 70, vemos um

Sartre comentando sobre a desagradável passagem para a vida adulta. Na perspectiva do autor não foi agradável. Na juventude, por exemplo, fazia uso de *Mescalina*<sup>3</sup>. “Uma coisa é estar com as pessoas, outra coisa é ser um indivíduo, ter responsabilidades sociais que a gente não pediu. É isso que a sociedade burguesa faz, nos deixa alienados” (DOURADO, 2017).

Pensamos que essa inquietação era frequente na personalidade de Sartre. Vemos esse mesmo sentimento na obra *Náusea*. Diz o autor: “Sou livre: já não me resta nenhuma razão para viver, todas as que tentei cederam e já não posso imaginar outras. Ainda sou bastante jovem, ainda tenho força bastante para recomeçar. Mas recomeçar o quê?” (SARTRE, 2016, p. 209).

Mas em se tratando do pensamento de Sartre, o que podemos extrair de sua vasta literatura? O existencialismo desse autor, forjou uma das expressões mais conhecidas do vocabulário filosófico: “A existência precede a essência”. O que isso significa? Para Sartre, a existência humana se confunde com a liberdade. Aqui aparece outra expressão que dará sentido a citação anterior: “Estou condenado a ser livre”. Essa liberdade é total, sem limite, sem condição. Paulo Perdigão nos diz:

Se a liberdade é o fundamento do para-si, isso quer dizer que nenhuma razão motivadora pode determinar o seu ser. O para-si, ao nascer, não é definido de antemão por uma essência pré-existente. Segundo o pensamento religioso, tal essência seria prefixada por Deus, que a produziria segundo um conceito prévio (PERDIGÃO, 1995, p. 90).

Se o homem tem uma essência predeterminada, não haveria liberdade possível, porque o homem estaria de uma vez para sempre dotado de um sentido, antes mesmo de viver sua vida. Compreende-se que para Sartre a existência é escolha. Somos inteiramente responsáveis por nossos atos e nossa liberdade nos obriga a prestar contas. Prestar conta a todos. A liberdade nos impõe uma conduta autêntica e nos põe, permanentemente, perante nossas próprias escolhas:

O existencialismo tem tudo a ver com liberdade e escolha pessoal. Tem tudo a ver com encarar a realidade de maneira corajosa e honesta, vendo as coisas tal como elas são. Tem a ver também com ressaltar palavras como escolha. No entanto, tornar-se existencialista demanda certo esforço. A maior dificuldade está em sustentar, sem fraquejar, o que os existencialistas chamam de autenticidade (Cox, 2009, p. 09).

As palavras de Cox nos fazem pensar o quanto é rico de conceito a filosofia sartreana. Quando se pensa numa disciplina como Projeto de Vida, vemos que a temática existencialista pode abarcar bastante a divisão de conteúdo dessa nova disciplina. Um exemplo disso, é encarar a realidade de maneira corajosa, como vimos na citação anterior. Essa autenticidade só será possível

---

<sup>3</sup> Alucinógeno sintetizado a partir do cactus Peiote, natural do México.

em um sujeito que já entendeu o quanto tem um peso sua existência e sua liberdade. Por este motivo, iremos fazer uma conexão entre o existencialismo e o Projeto de vida no próximo tópico.

## O ENSINO DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA COMO SUPORTE PARA A DISCIPLINA PROJETO DE VIDA

Há sempre uma ideia de que o homem está projetado a um fim. Mesmo que não entenda a condição de sua existência, caminhando para o nada. Mesmo assim, deve-se projetar em direção a algo que lhe dê sentido. Pensemos em Sócrates com a condição do “conhece-te a ti mesmo”, citado em outro momento, que nada mais é do que um despertar do homem para um cuidado de si. Ou mesmo Aristóteles com suas *quatro causas*, entre elas, a causa final. Jesus Cristo com sua passagem sobre tomar a cruz de cada dia e segui-lo. Até mesmo Nietzsche quando afirmava, que devemos demorar o tempo que fosse para decidir o que se quer da vida, e depois que decidir, não recuasse diante de nenhum pretexto.

O que todos esses autores têm em comum? Justamente a ideia de que a vida precisa fazer sentido. Que devemos sempre projetar algo que faça ou dê sentido à nossa existência muitas vezes conturbada. Isso deve fazer sentido em cada ser existente, mas deve fazer mais sentido nos jovens, tendo em vista o elemento da descoberta que é mais comum nessa fase da vida. Nesse sentido, é importante ressaltar o papel da Filosofia, da filosofia existencialista, como suporte conceitual à disciplina Projeto de Vida.

Discutiremos algumas referências, tanto dos manuais da disciplina Projeto de Vida, quanto da literatura referente ao pensamento de Sartre, e tentaremos de alguma forma aproximá-los. Vejamos:

Saber quem nós somos é essencial para decidir o que queremos e o que podemos fazer de nossa vida. Pensar sobre nós mesmos de forma justa, equilibrada e sem nos subestimar ou superestimar é uma tarefa que exige reflexão. Olhar para dentro de nós mesmos, analisar nossas relações pessoais e sociais, nossos sonhos, desejos e anseios não é uma tarefa muito simples, a princípio (MELLER; CAMPOS, 2020, p. 17).

Para Sartre o homem está sempre em vias de realização, está sempre formando sua essência, que nunca estará pronta e acabada. Nesse manual de Projeto de Vida, encontramos a orientação de que devemos decidir o que queremos e isso só será possível em uma pessoa inteiramente livre. Em o *Ser e o nada* podemos encontrar que: “a liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no

âmbito do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser” (SARTRE, 2009, p. 545). A ideia de fazer-se, que encontramos no pensamento de Sartre, se liga diretamente ao ambiente escolar que será entendido segundo a BNCC, como lugar de interação e formação. Vejamos:

É, também, no ambiente escolar que os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro (BRASIL, 2017, p. 475).

O texto fala da interação com outro. Na obra *O existencialismo é um humanismo*, encontramos que: “O Outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para meu autoconhecimento” (SARTRE, 1996, p. 34). O existencialismo compreende que esse binômio “outro-mundo”, é fundamental para compreensão do ser existente. Ainda nessa perspectiva podemos entender que:

Quando uma pessoa experiencia a si mesma da mesma forma que os outros a veem, ela imediatamente deixa de ser um objeto transcendente, um puro ponto de vista no mundo, e se torna, ao invés disso, um objeto no meio do mundo, visto pelo ponto de vista do Outro (COX, 2009, p. 67).

Em outro manual de Projeto de Vida do instituto ICE, que tem como temática: *Aulas de Projeto de Vida e Empreendedorismo 1º Ano do Ensino Médio*, encontramos a seguinte citação:

QUEM SOU EU? A adolescência é um período especial da vida, caracterizado principalmente pela intensidade das emoções. Seu início marca o surgimento das contestações e dos questionamentos, etapa necessária para o estudante começar a se conhecer, a estabelecer seus próprios valores e ver o mundo sob uma nova ótica – a sua própria (2016, p. 13).

Vejamos o que Sartre diz a esse respeito:

Nada mudou e, no entanto, tudo existe de outra maneira. Não consigo descrever; é como a náusea e, no entanto, é exatamente o contrário: finalmente me acontece uma aventura e, quando me interrogo, vejo que me acontece que sou eu e que estou aqui; sou eu que vendo a noite, estou feliz como um herói de romance (SARTRE, 2016, p. 78).

Na perspectiva do Projeto de Vida, o jovem deve descobrir quem ele é. E em qual circunstância está inserido. No existencialismo, não é diferente. O Autor de a *Náusea*, mostra-se como um ser inquieto e, que tenta descobrir-se em relação ao mundo. Em outra passagem ele faz a seguinte observação,

Não tive aventuras. Aconteceram-me histórias, fatos, incidentes tudo que se quiser. Mas não aventuras. Não é uma questão de palavras; começa a entender. Há algo que eu prezava mais do que todo o resto, sem perceber muito bem. Não era o amor, Deus meu, nem a

glória, nem a riqueza. Era... Enfim eu imaginava que em determinados momentos minha vida podia assumir uma qualidade rara e preciosa (SARTRE, 2016, p. 57).

Essas inquietações são próprias da existência. Sartre nos faz pensar sobre elas. Nos mostra que em determinados momentos a náusea pode pairar sobre nossas vidas. Por esse mesmo motivo é que devemos entender-nos, questionarmo-nos. No existencialismo uma pessoa só pode mudar a maneira como pensa e sente a vida passando a se comportar de maneira diferente, agindo mais, afirmando sua vontade, sempre assumindo a responsabilidade por si e por aquilo que faz. Sartre era bem enfático nisso quando dizia, “Mas é preciso escolher: viver ou narrar” (SARTRE, 2016, p. 59).

Outra questão chave na discussão sobre a formação do jovem é o papel das escolhas e nossa responsabilidade diante disso. Pátaro em seu livro, *Projeto de vida: nossas escolhas*, pensa da seguinte forma:

Vamos partir agora para uma nova aventura de nossa jornada para o autoconhecimento, tentando pensar em suas escolhas e preferências, e descobrir que é importante para você e sua vida, quais são suas paixões, aquilo que você mais ama, ou aquilo que te preocupa muito, além das atividades que você faz bem. Nossa jornada para o autoconhecimento envolve não apenas entender o modo como somos (as nossas características) mas também o nosso jeito de nos posicionarmos no mundo (Isto é, nossas ações, valores, preocupações), e quais são os nossos sentimentos diante de tudo isso (2020, T1, E1).

O que Pátaro está querendo nos mostrar é que não é possível não fazer escolhas. A nossa jornada, e aqui pensamos no protagonismo juvenil, é feita de escolhas e isso está presente na filosofia sartreana:

A escolha é possível em um sentido, mas o que não é possível é não escolher. Eu sempre posso escolher, mas tenho que saber que se não escolho, isto também é uma escolha. Isto, embora pareça algo estritamente formal, tem uma grande importância para limitar a fantasia e o capricho. Pois, diante de uma situação real - por exemplo, o fato de eu ser um ser sexuado, capaz de ter relação com um ser de outro sexo e de ter filhos - eu sou obrigado a escolher uma atitude e, de qualquer modo, sou responsável por uma escolha que, ao me engajar, engaja também a humanidade inteira mesmo que nenhum valor a priori determine minha escolha (SARTRE1996, p. 37).

Em Sartre, a escolha se impõe a todo momento em nossa vida e faz da liberdade o ponto central da existência. Existência é escolha em uma realidade eternamente em projeto. De forma nenhuma, podemos procurar justificações para nos entendermos como determinados por algo ou alguém. Somos inteiramente responsáveis por nossos atos.

Se queremos um jovem protagonista na sua formação, devemos mostrar-lhe o caminho do existencialismo. Os manuais didáticos sobre Projeto de Vida, podem buscar referências, nas obras

existencialistas. Em todos os pontos colocados aqui, o que fizemos foi aproximar essas duas vias de reflexão. De um lado os manuais de Projeto de Vida, mostrando que o jovem deve descobrir-se como pessoa, que deve fazer escolhas, e que tenha um projeto para sua vida. Do outro, existencialismo querendo justamente fazer o mesmo. Mostrar que estamos no mundo, que precisamos descobrir nosso propósito, e que somos responsáveis por essa jornada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme os conceitos apresentados aqui nesse artigo, existencialismo e Projeto de Vida, podem se servir mutuamente. Na filosofia sartreana, o homem deve ir ao máximo de sua liberdade. Se auto determinar diante da vida, já que, nada lhe é predeterminado. No Projeto de Vida, há o desejo de colocar diante dos jovens, o seu próprio projeto pessoal, dando-lhes a capacidade de construir-se progressivamente. Criou-se a ideia de protagonismo.

Contudo, o conteúdo aqui apresentado, não esgota de modo algum as reflexões sobre a disciplina Projeto de vida e o existencialismo. O que pretendíamos, e digo de modo muito humilde, pretendíamos, ou de modo pretencioso, era mostrar que é possível pensar o existencialismo como um “manual”, “livro de cabeceira”, “referência bibliográfica”, do qual se servirá tanto aos professores de filosofia, quanto os alunos. O aluno protagonista da sua própria trajetória existencial.

Para que isso aconteça, devemos pensar como Gary Cox, que diz que devemos ser existencialistas, cair na real, ir à luta e parar de arrumar desculpas. Ser existencialista é uma postura afirmativa diante da vida, diante das escolhas, ser responsável por si mesmo e, pelos outros. É reflexão, mas também ação.

Com o existencialismo, e de forma especial com existencialismo de Sartre, relacionando-o com a disciplina Projeto de Vida do Novo Ensino Médio, entendemos que a intrínseca relação entre ambas, será de suma importância para lançar o aluno para a vida. Sendo, portanto, dois basilares que o jovem terá para que em suas crises existenciais encontre suporte que o façam crescer.

## REFERÊNCIAS

A Lei nº 11.684/08 altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

BRAGA, Rômulo Vitor. **Filosofia e Sociologia**. 2. ed. Fortaleza: Companhia brasileira de educação e sistemas de ensino S.A. 2020. (coleção integrada)

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CONSTANÇA, MARCONDES CESAR; BULCÃO, MARLY. **Sartre e Seus Contemporâneos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

COX, GARY. **Como ser existencialista**. São Paulo: Alaúde, 2009.

DOURADO, SAULO. **Sartre e a desagradável passagem para a vida adulta**. Youtube, 2017.

HUISMAN, Denis. **História do Existencialismo**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

ICE. **Instituto de corresponsabilidade pela educação - Aulas de Projeto de Vida e Empreendedorismo 1º Ano do Ensino Médio**. Recife, 2016.

JUNIOR, Cezar Augusto V.; ARDANS-BONIFACINO, Hector O.; ROSO, Adriane. **A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre**. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(1): 119-130, abril, 2016.

MELLER, André; CAMPOS, Eduardo. **Caminhar e construir: Projeto de vida**. 1ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2020.

MELANI, Ricardo. **Diálogo: primeiros estudos em filosofia**. Moderna: São Paulo, 2013.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira e RICARDO Fernandes Pátaro. **Projeto de vida: escolhas**. Edebê, Brasília, 2020.

PERDIGÃO, Paulo. Existência e liberdade. **Uma introdução à Filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia (vol. I)**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia (vol. III)**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SARTRE, J.P. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARTRE, J.P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SOUZA, Mara Thana de. **A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heroica**. **Princípios**, Natal, v.16, n.26, jul./dez. 2009, p. 87-105.

